

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

INES LESSA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória

Entrevistada – Ines Lessa (IL)

Entrevistadoras – Tania Fernandes (TF) e Eliene Rodrigues (ER)

Data – 17/05/2016

Local – Salvador/BA

Duração – 1h52min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LESSA, Ines. *Ines Lessa. Entrevista de história oral concedida ao projeto Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória*, 2016. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 45p.

Projeto: História da Saúde Coletiva no Brasil

Entrevistada: Ines Lessa

Data: 17 de maio de 2016

Local: residência de Ines Lessa (Salvador - BA)

Entrevistadores: Tania Maria Fernandes (coordenadora) e Eliene Rodrigues (bolsista)

Legendas: trecho inaudível: [?]; pausa: [...]

TF: Entrevista realizada com professora Ines Lessa, no dia 17 de maio de 2016, para o Projeto a Saúde Coletiva na Universidade Brasileira, no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA desde suas origens no Departamento de Medicina Preventiva da UFBA (Projeto: História da constituição da Saúde Coletiva no Brasil). Entrevistado por Tania Fernandes e Eliene Rodrigues, na casa de professora Ines Lessa.

Bem, Ines, como eu estava te falando, eu queria então que você nos falasse um pouco sobre a tua formação, sobre a tua opção pela medicina e começasse lá da tua, da tua relação com a medicina.

IL: Relação com a medicina. Ah, bom, eu sou do interior, do sul da Bahia e éramos 06 irmãos, somos 06 irmãos. Meu pai era um comerciante, um comerciante. E [...] e naquela época, em Itabuna, na cidade, não tinha cursos de colégio, só tinha até um curso pedagógico, de professor. Meu pai dizia, que os, nenhum filho dele ia ser professor. Todos tinham que ser doutores. Você vê, né? Meu pai não, é de origem classe média, média baixa. Média com instrução. Então ele diz que os todos os filhos dele queriam que fossem doutores! Que doutor é que era valorizado. Naquela época. Então, a primeira irmã minha, a mais velha, veio, que tem uma diferença de 07 anos pra segunda, veio para Salvador, concluiu o curso de música e fez direito, se formou. Aí meu pai disse, agora vai ter que ir à segunda, que ela tinha 05 anos de diferença para primeira. Eu não vou aguentar ir à terceira, que vem depois, depois de dois anos, já seria eu. E mais dois anos depois seria o meu irmão, ele disse não vou aguentar deixar todos na ext.. Na capital porque, não, financeiramente não vai dar. Eu vou me mudar com essa filharada toda prá lá. E ele mudou, e veio, e todos os filhos foram doutores. A minha parte de medicina, eu tenho outra irmã médica, somos 02 médicos, 02 advogados, 01

arquiteto e 01 economista. Então [...] é. Ele [...] a minha parte de direcionamento para Medicina, foi uma coisa assim [...] é [...] eu não tinha, eu não tinha aquele dom para medicina. Tanto que na hora que eu fui fazer o vestibular, eu fiz um curso secundário que poderia fazer alguma outra área. Então a outra área que eu, que eu coloquei seria, se eu não for médica, seria arquiteta. Você vê, duas áreas de confronto, né? Não tem [...] um é de uma área, na Universidade, e o outro é de outra área.

TF: Não tem nada.

IL: Área 1 e área 2. Aí [...] eu sei que no fim das contas eu resolvi, me encantei por, pelas disciplinas que iam me levar para a Medicina e nada [...] é [...] Que fosse realmente médico, e aí eu disse: Eu vou ser médica. Tinha um ponto aí, que era o meu pai. Meu pai foi um homem que [...] que foi uma criança, que sofreu muito. Até a data que morreu jovem, porque ele sofria de asma, desde criança. Então ele desenvolveu pneumopatia essa coisa toda. Terminou morrendo. E eu aí, disse [...] mas ele morreu depois que eu me formei. E aí eu disse: não, vou fazer medicina. Aí fui. Todo mundo pensava que eu ia fazer ginecologia ou pediatria - todas as pessoas que, minha turma só tinha 08 mulheres, foi muito. Foi da turma, a última turma de poucas mulheres. 08 mulheres. Então ela [...] eu, eu [...] todo mundo que me encontrava na rua ou que [...] naquela época fazer medicina, era [...] Pô, extraordinário. Não é como agora. Então, perguntava: vai ser médica - ginecologista ou pediatra? Eu dizia: Nem ginecologista, nem pediatra, não gosto de nenhuma das duas, eu vou ser uma clínica. E realmente eu me direcionei pra clínica médica. E [...] mas eu fiz, cheguei a fazer uma especialidade de nefrologia e [...] mas eu vi que nefrologia era um campo muito restrito, e que não dava conta da, da, do que eu queria. Aí, eu entrei, não dava ainda a epidemiologia quando eu estudei. Eu não tinha disciplina em epidemiologia, muito mal eu tinha uma disciplina de iniciação à estatística. E tinha uma disciplina que era, ambulatório de família, que era a disciplina do controle do professor Guilherme Rodrigues. Bom, doutor Guilherme Rodrigues era assim [...] um rei. Sabia que [...] inteligente, fez aquele negócio com carinho, e tudo. Tinha uma área em Salvador, só que ele controlava com doença de chagas e depois entrou, quem você conhece, Sebastião [Loureiro] [...]

IL: Que se juntou a ele. E depois foi para São Paulo, fazer a residência.

TF: Mas você aí você foi para [...]

IL: Ele, ele.

TF: Não. Sim, você foi para medicina [...] preventiva?

IL: Comunitária?

TF: Isso, comunitária.

IL: Medicina Preventiva na época, não.

TF: Não.

IL: Não. Eu fiquei, acompanhei o trabalho, acompanhei de longe. Porque eu não era, nunca fui de ficar atrás do professor para [...] Para [...] digamos assim: eu sempre fui afastada, eu sempre fui, me resguardei de estar fazendo [...] digamos assim, de fazer uma fezinha no professor, para ganhar, angariar alguma coisa. Não, eu tinha que ser meu esforço próprio. Então eu fui, fiquei com Guilherme [Rodrigues] um tempo na minha função de aluna. Não de ajudante, qualquer coisa, especial, nada disso. Assim era Sebastião que era, Sebastião que era já conhecido de Guilherme [Rodrigues]. Aí eu fiquei, gostei da parte de saúde da família, no ambulatório dele. Mas não foi ainda aí, eu não me entusiasmei para ficar com isso. Aí eu comecei com clínica médica. Eu entrei na Faculdade na, como professora na Universidade enviesada. Então não pela porta, pela [...] pela clínica médica, e não pela Medicina Preventiva. Na época o Reitor era Roberto Santos ele mandou me chamar. Ele mandou me chamar e disse: Ines eu tenho uma [...] uma posição pra você na Universidade. Você não está se formando pra ficar na Universidade? Eu disse é. Aí ele fez: nós temos um programa novo em centros de [...] Guilherme [Rodrigues] tinha ido pra São Paulo já. Nessa altura não estava mais aqui. É [...] tem um programa que a gente vai abrir agora, ele era o reitor, de acompanhamento de adultos, crianças e mulheres no centro de saúde e querem que levem alunos pra lá, pra aprender medicina fora do hospital e ver o que é realmente a necessidade médica fora do hospital, que aqui, o hospital internava qualquer bobagem. E não tinha seleção, não tinha seletividade, uma [...] digamos assim, um direcionamento para casos mais graves, como devia ser o hospital universitário. Então ele disse que: eu quero que você vá para ser coordenadora da parte de saúde do adulto já que você faz clínica médica. Aí, eu disse: Tá, Topo. Topei. Fui pro centro de saúde, fui primeiro pros postos de saúde, carregando 10 alunos comigo. Quando eu chegava no centro de saúde, a Escola Baiana de Medicina, inventou um programa [...]

TF: Que era estadual.

IL: É estadual. Que, é [...] soube que eu estava lá, que tinha uma professora da federal lá, e aí ele começou mandar os alunos de medicina da baiana, para eu tomar conta. Aí, eu digo: Não. Aqui eu tenho 15, 16, 18, alunos 10, atende. Eu não tenho tempo para dar para outros, os alunos de medicina da baiana. Aí me firmei assim, e aí inauguraram um centro de saúde específico para a Medicina Preventiva que foi o centro de saúde do nordeste de Amaralina, aqui, perto daqui, dessa casa minha. E eu fui na inauguração, e desde de a inauguração eu fiquei com o serviço de medicina do adulto, de saúde do adulto. E era realmente, já era um centro diferente, porque foi criado para ser um centro escola.

TF: Isso era ligado a que departamento?

IL: Aí era ligado ao Departamento de Medicina Preventiva, foi aí que ele se ligou ao Departamento de Medicina Preventiva, é que levou o chefe do posto de saúde que é o Doutor Celso Pugliese, que é um magnífico clínico, de formação clínica. Mas ele fez depois um mestrado em Medicina Preventiva em Boston. Aí eu fui ser responsável do centro de saúde do adulto, uma outra pessoa foi ser responsável pela área de pediatria, pessoa do serviço, da Medicina Preventiva mesmo. É [...] foi ser responsável pela área de pediatria, uma outra, nutricionista da cidade, foi ser a parte de, de criança e materno, para orientar a saúde de, de gestantes e de crianças recém nascidas até 02 anos. É a parte de imunização toda e prevenção de crianças foi entregue a uma enfermeira da escola de enfermagem, professora da escola de enfermagem é [...] e tinha um médico que era herdado, do posto anterior que existia ali que foi demolido para fazer esse novo, então [...]

IL: Então esse senhor era um velhinho já. Ele aí ficava, ficava na medicina, ele ficava na saúde do adulto, que era o que ele sabia fazer. Bom aí [...]

TF: Era um, era como se fosse um curso de extensão da universidade?

IL: Não. Não era um curso de extensão, era o local onde a Medicina Preventiva ia fazer prática.

TF: Era praticada.

IL: Então ficou assim muito tempo é [...] acho que ficou uns 10 anos como sendo pertencente [...] Todo mundo dizia: É da Medicina Preventiva.

IL: Porque quando foi feito, em 60, Roberto Santos era o reitor, o governador da Bahia, já não era o reitor, era o governador da Bahia. E, [...] quando ele saiu então [...] ainda época de ditadura. Aí, quando ele saiu, tomaram o posto da gente. Aí quer dizer, foi pra lá quem ele, quem o governo quis. Quem ele determinou.

TF: E você já estava formada?

IL: Ah muito.

TF: Você já era médica.

IL: Médica. Já era médica. Por essa altura aí, eu já tinha de uns 06 a 08 anos de [...]

TF: E você era médica vinculada ao Departamento de Saúde Preventiva? Como é que era essa, essa relação?

IL: A relação era a seguinte: a formação era clínica médica, eu tinha que entrar por um lugar que tivesse vaga. E aí, eu fui chamada por Roberto Santos e ele me colocou na Medicina Preventiva. Só que eu disse a ele que eu não queria fazer Medicina Preventiva. Não Ines, é só enquanto abre uma vaga em clínica médica em um outro, outro departamento. Aí eu cheguei e disse: é então se for assim tudo bem. Aí eu fui. E ele era, foi tomado depois, pelo próximo governo.

TF: O centro.

IL: Governo que se seguiu. Ele deixou de ser um centro de saúde escola e começou a ser um centro de saúde, comum. Não, não teve mais aquela [...] ânimo para fazer o materno infantil, que era muito importante, não teve mais ânimo para fazer a saúde do adulto. Não houve mais nada disso. Todo mundo abandonou, porque o governo, os médicos do governo entraram. Então, eles saíram. É [...] mas nós fizemos ali, sabe o que? Muitas teses de população na área mesmo. Porque o Nordeste de Amaralina tinha na época 65 mil habitantes. Então essa fatia era toda nossa, fazendo, minha tese de Mestrado saiu dali. Era tese, não era [...] chamava tese.

IL: E as teses saíram ali, foram teses muito interessantes que foi sobre [...] é [...] Chagas em, em neonatal. Neonatal não, transmissão intraplacentária.

TF: Intraplacentária.

IL: Intra não, placenta para a criança. Então, mas muita gente fez. Começou haver também, antes de [...] terminar a concluir. Outras áreas se interessaram em ir para lá fazer alguma coisa, como era área da Universidade foi sociologia. Lá tinha um sociólogo, que era professor da Universidade. E ele ia.

TF: Como é que foi essa introdução da sociologia no centro de saúde? Como é que vocês viram isso?

IL: Olha, não, não. Eu por acaso, é, pra mim foi assim tranquilo porque aquele homem, aquele senhor que entrou para ser o sociólogo lá e trabalhar com uma equipe, foi meu colega de científico. Aí ele entrou, eu conhecia era meu amigo frequentava minha casa, minha casa quando solteira. E para mim, tudo bem, eu às vezes participava das discussões deles, etc. e tal. Mas eles ficaram como um grupo à parte ali dentro.

TF: Então entrou ele e mais algumas pessoas?

IL: Ele e mais algumas pessoas. Mas algumas pessoas assim de outras áreas que queriam fazer um pouco de coisa dentro de um centro de saúde escola, e depois saíam, não ficavam. Terminou-se o trabalho eles saíam. Quem ficava era a gente mesmo. Era [...]

TF: Mas esse sociólogo ficou lá?

IL: Não.

TF: Ele era do quadro da universidade, como é que era?

IL: Ele era de outra unidade da universidade.

TF: Sim.

IL: Ele era do quadro da universidade, mas não da Medicina Preventiva. A Medicina Preventiva era pequenininha nessa época, muito pequena.

TF: Só tinha médicos?

IL: Só tinha médicos. Foi formada por médicos. E eu, bom então, começou assim, eu fui ser médica. É [...] porque eu, já tava assim encantada na época com a medicina, a minha irmã já fazia medicina e resolvi que ia ser médica, mas eu ia ser clínica. Minha irmã era pediatra e eu ia ser clínica, não ia ser [...] Entrei, o meu vínculo com a

Universidade que você me perguntou como foi assim: Roberto Santos, na época tinha uma tal de relação bancária. Relação bancária era um recurso, não sei muito falar de onde é que vinha, porque que vinha, e porque que era assim eu não.

TF: Rede bancária talvez.

IL: Mas era relação bancária. Então, eu não podia ser do quadro da universidade porque embora não, antes não fizessem concurso nenhum para entrar, a partir desse momento começou a ter que fazer o concurso para auxiliar, para adjunto, para tudo. Tinha que fazer. Mas tinha que abrir o concurso. Que era difícil abrir. E aí, ele me contratou como relação bancária, eu ganhava [risos] de abril a dezembro. Janeiro, fevereiro e março eram meses de férias, eu não ganhava 13º[...] só ganhava isso, aqueles meses.

TF: Era uma bolsa?

IL: Era uma espécie de bolsa. Agora o valor era igual ao que os professores auxiliares de ensino ganhavam. Quer dizer eu ganhava, eram 430 cruzeiros, não sei de quê, na época. Eu ganhava assim, e os professores que eram auxiliares de ensino ganhavam também isso. E era tempo integral. Aí, o que era dizer que era uma porcária o que ganhava para [?]. Aí, entrei por aí. Quando foi, é [...] Quando abriu o tempo integral na Universidade, aí, Roberto Santos era reitor já. Aí ele [...] Ele me chamou e me disse que eu tinha [...] que tinha achado um lugar para eu ficar, que tinha muita clínica médica, e que não sei o quê. Aí deu lá as justificativas dele, que não me convenceram, mas ele disse. Olha Ines, no tempo integral, você vai receber tempo integral e dedicação exclusiva você não pode fazer nada em outro lugar. Aí eu disse assim: E aí o salário que ele me botou. Que ele botou para mim, não. Para todo mundo que ia para o tempo integral, na minha classificação: auxiliar de ensino foi R\$1.200,00. Alguma coisa por aí. Poxa, era dinheiro para mim, viu? Porque eu ganhava tão pouco, era muito dinheiro. E ainda atrasou 03 meses, no começo. Quando eu recebi em Setembro, 03 meses seguidos, eu digo: vou dar entrada no apartamento é ele que vai [...] pronto. Foi assim que entrou. Eu entrei primeiro como folha bancária, depois que entrou a dedicação exclusiva eu não podia ser folha bancária.

IL: Eu não podia ter duas fontes de recebimento.

TF: De renda?

IL: De renda. Aí ele chegou, abriu vaga e me contratou, fez o contrato para mim, e para outras pessoas como auxiliar de ensino pela universidade. Aí, eu entrei diretamente com, já sem [...]

TF: Com vínculo em que departamento?

IL: Com vínculo na Medicina Preventiva.

TF: Medicina Preventiva.

IL: Mas aí, a Medicina Preventiva por quê? Eu me esperneei, eu chorei, eu biquei, eu não quero Medicina Preventiva, eu não gosto desse negócio, não sei o que, não sei o que. Aí ele [...] Nessa época o chefe da Medicina Preventiva era Duarte. Você [...] alguém já lhe falou de Duarte? José Duarte de Araújo?

TF: José Duarte de Araújo? Já.

IL: Que se suicidou [...] em Brasília?

TF: Não. Essa parte eu não sabia.

IL: Do suicídio? Não? Isso foi até um caso muito [...] é contundente porque, ele se jogou, ele se saiu de Salvador, foi pra [...] ele era, era secretário de saúde de Roberto Santos.

IL: Ele saiu de Salvador, foi para Brasília, com o apoio externo de pistolão, ele foi para o CNPq. Ele foi presidente do CNPq, naquela época e, como presidente do CNPq ele era muito ativo, fez muita coisa, e depois então, chegou outro governo e botou outro presidente no CNPq que não, não foi Duarte. Eu sei que ele aí, arranjaram que ele fosse, tivesse um posto no INAMPS. Aí um dia lá, não sei, ninguém sabe a causa exata, tem as suspeitas, mas não tem a causa exata, ele subiu de manhã cedo, pulou a janela, do [...] último andar do Ministério da Saúde, onde ficava o INAMPS, ele pulou para o lado de fora, que era uma [...] uma parte de banda, como a gente chama. Ele caminhou, caminhou, caminhou e no fundo ele se jogou. Foi um horror. Isso foi na época do 2º Congresso Brasileiro de Epidemiologia. Que estava em Minas Gerais, Belo Horizonte. Então eu fiquei, aí é que começou a evoluir a situação do, da [...] como era? A distribuição docente da universidade, a carreira docente. Então veio, eu estava como auxiliar de ensino, aí começou a história de abrir concursos. Abriu concurso para [...]

professor adjunto. Aí Duarte, era muito legal, Duarte chegou no departamento de Medicina Preventiva, que tinha 08 pessoas aproximadamente e perguntou: tem 03 pessoas aqui que podem fazer concurso de adjunto quem quer fazer? Tem que fazer uma tese. Aí eu disse assim: tese [...] Aí eu cheguei e disse assim: eu quero. Já que eu estou aqui, eu quero. Aí ninguém mais quis aí eu fiz sozinha. E aí passei para professor adjunto.

TF: Aí foi quando você fez o mestrado?

IL: Foi. Aí eu fiz o mestrado. Aí quando eu passei para professor adjunto, é [...] eu disse: pronto agora Sebastião e Duarte, providenciaram o Mestrado. Duarte primeiro, ele voltou de Brasília e foi fazer um mestrado na Califórnia, na UCLA. Ele foi fazer um mestrado, ele fez na parte de economia, economia e Saúde. E, ele já tinha mestrado, Celso Pugliese tinha mestrado da Harvard, UCLA. É [...] ele tinha. Sebastião já tinha mestrado, feito em Ribeirão Preto. Joselita Macedo tinha, ela morreu recentemente.

IL: Joselita tinha mestrado. Não, Joselita tinha mestrado. Joselita ficou trabalhando com Guilherme [Rodrigues] em São Paulo. Quando Guilherme [Rodrigues] foi para São Paulo, porque não teve chance de ser titular aqui, ele foi para São Paulo, fez o concurso lá e passou. E Joselita foi ficar trabalhando com ele, depois ela voltou e fez o mestrado na Fundação Getulio Vargas. Aí [...] entrou numa área financeira, não sei o quê.

TF: De orçamento e planejamento?

IL: De orçamento, essa coisa toda aí. Aí, ela voltou e assim que ela chegou aqui, ela disse que ia fazer um mestrado na Bélgica. Se ‘picou’ para Bélgica, passear para passear. Porque não foi para fazer mestrado coisa nenhuma. Aliás, é uma coisa que eu constatei sempre na universidade que a maioria dos professores que saíam aqui para fazer curso no exterior, ia fazer passeio no exterior. Não só de Medicina Preventiva, faziam alguma coisa para trazer. Claro que tinham que fazer. Mas a maior parte do tempo ficavam de *Del em Del*. Sobretudo se fosse Europa, se fosse Estados Unidos. Não, por quê? Os cursos de pós-graduação de Londres, e de [...] da França ninguém ligava para os cursos na França, na Bélgica, eram cursos que tinham muito pouca exigência. O mestrado de Joselita ela fez em 03 meses lá. Era de 09 meses, ela passou 03 meses aqui, porque a filha teve um problema, voltou para lá, mas contou isso, contou. O resto ela foi passear com o marido, na [...] Europa. Mas eu vi isso muito,

porque por muito tempo eu dei parecer no CNPq. E o que passou por mim de pedido de bolsa no exterior, sendo mestrado ou doutorado, ou para ir para congresso, foi muita coisa. Eu dei muito parecer em pesquisa em coisa para o CNPq. Para o Ministério da Saúde também, para CAPES também e etc. e tal. Então, o pessoal ia muito mais passear do que fazer outra coisa.

TF: O seu mestrado foi aqui mesmo?

IL: Tudo foi aqui, eu não fiz nada fora daqui.

IL: Eu fui uma [...] uma tola da universidade. Todo mundo que trabalhava na universidade, no Departamento de Medicina Preventiva comigo, todo mundo, é [...] fez cursos fora daqui do Brasil. Tivesse ou não mérito para fazer, mas fez. Foi, muita gente foi pra Carolina do Norte, muita gente foi pra Califórnia, é [...] Sebastião foi para o Texas, depois foram para outros lugares também. Naomar [Almeida Filho] nem se fala! Naomar [Almeida Filho] foi acho que para uns 10 estados norte-americanos fazer cursinho de 03 semanas, fazia 03 meses aqui, não sei o que. Ele sempre, por isso que Naomar [Almeida Filho] é tão polivalente. Ele é uma pessoa polivalente. Ele pega uma coisa, enjoou, largou vai fazer outra. Ele sempre foi assim, sempre foi assim. Ele é polivalente. Naomar [Almeida Filho] com essa carinha de manso engana a todo mundo. Mas a mim, não.

[Risos]

IL: A mim não.

TF: Nessa época que você estava lá, existia um convênio, um pouco também por conta disso [...]

IL: Claro, claro.

TF: Dos Estados Unidos com a Fundação SESP, Kellogg, Rockefeller?

IL: Não, não. Eu não peguei com a [...]

TF: SESP, não. A SESP era antes.

IL: A SESP não. Eu não peguei [...]

TF: A Kellogg você pegou.

IL: Com a Kellogg, a Kellogg. A Rockefeller [...] Foi com a Kellogg.

TF: Rockefeller.

IL: Eu peguei com a Kellogg. O doutor Blanc veio para aqui, e era o chefe do mestrado meu. Eu aprendi muita coisa.

TF: De Saúde Comunitária?

IL: De Saúde Comunitária. Eu aprendi, até na época que surgiu um curso em Brasília de epidemiologia clínica dada pelos estrangeiros que escreveram o primeiro livro de epidemiologia clínica. Como eu tinha formação de clínica, eu me candidatei de imediato ao curso. Aí eu fui para Brasília e fiz o curso de epidemiologia clínica com os próprios, em inglês, o pessoal todo falava inglês.

IL: E aí eu tomei o curso de epidemiologia clínica, aí começaram a me solicitar para coisas de epidemiologia clínica, mas eu, eu [...] contava que a epidemiologia clínica era uma clínica bem feita, não era uma clínica qualquer, era uma clínica bem feita. Mas também aqui não tinha tanta outra coisa, a não ser a parte estatística que a gente englobava etc. e tal, que era novidade. Para mim, porque o resto, não foi. Aí eu fiz esse curso, e inclusive eu fiz minha tese de mestrado aqui em Salvador, esse bairro que tem do outro lado, destas pistas aí, do outro lado, chamado Nordeste de Amaralina. Alta criminalidade, eu fiz de [...] Eu ia para lá vestida com um lenço no cabelo, com sapato todo esculhambado, com medo do povo. Eu tinha que me parecer com o pessoal da área. Para poder não chamar a atenção. Então eu não, eu ia pra lá toda fuleira.

[Risos]

IL: Eu estava aí.

TF: Mesmo sendo médica do centro eles não davam [...] não viam como uma pessoa diferenciada?

IL: Não [...] viam sim. Mas isso como [...] nessa época, eu fazia só saúde do adulto, mas todo mundo, era muito engraçado, porque eu ia passando na rua e aí: Doutora! Doutora! Teve um que chamou: Doutora, a senhora não ande por aqui não, eu vou botar os meninos atrás da senhora, viu? Eu vou botar os meninos. Isso aqui não é lugar para senhora andar, não. Era assim, né?

IL: Mas eu ia de casa em casa, fazer minha pesquisa. Fiz ninguém, a não ser um, que me convidou pra ir de noite, tinha uma casa onde ele, a irmã dele, era gestante do projeto, que ele me levava. Eu digo: que horas? 09 horas. Eu disse aonde? Ele disse: Lá, lá no coqueiral. Eu disse: Tá bom. Eu venho, 09 horas eu to aqui. Claro que eu não vinha! O homem tava me [...]

TF: Assediando?

IL: É, tava me assediando [risos]. Bom aí então, eu fiz meu mestrado aí, com o dinheiro pago. O dinheiro não, para mim não.

IL: Quem pagava era a universidade, que sempre me pagou. Mas o meu projeto, o meu trabalho foi pago pela Rockefeller. Eu tive todo [...]

TF: Rockefeller ou a Kellogg?

IL: Ô! Kellogg, pela Fundação Kellogg. Eles é [...] seringas moderníssimas que depois vieram a aparecer, aquelas que você bota e o sangue vem direto, é [...]

TF: Por vácuo.

IL: É Vácuo. Então todo mundo vinha olhar minhas agulhas, eu digo: sai de baixo isso aqui é meu e ninguém pega. Então, eu com isso. Com todo o material, com [...] A confecção dos testes aqui, não fui para outro lugar, foi feito aqui no, na própria área do mestrado tinha uma sala determinada para patologia, exames da clínica patológica, exames laboratoriais e veio americano para ficar com parte laboratorial, chefiando e ele fazia os resultados dos, da positividade de [ruídos ao fundo] [?] no soro das mulheres gestantes. Então, eu tive muita [...] Depois eu me candidatei a uma bolsa de doutorado pela Fundação Kellogg, também. O pessoal ficava em cima de mim! Não se candidate a essa bolsa, ficava me cerceando: não se candidate a essa bolsa. Aí eu cheguei e disse: Tá certo. Aí eu fui o [...] A CAPES veio aqui fazer a entrevista. Aqui, marcou aqui. Todos os candidatos da Bahia a fazer o doutorado, qualquer curso no exterior. E eu tinha a entrevista feita aqui, ao invés de ir para Brasília. E aí, eu fui entrevista e fui aprovada. Eu fui aprovada e a Fundação Kellogg seria a minha patrocinadora de bolsa.

IL: E a CAPES aprovou meu nome para fazer o curso. Aí eu fui [...]

TF: Estamos falando do mestrado?

IL: Do mestrado.

TF: Em Saúde Comunitária?

IL: Saúde Comunitária. Aí, não! Saúde Comunitária eu já fiz, aí já era o doutorado.

TF: Ah, sim.

IL: Que eu já queria fazer.

TF: Do próprio instituto?

IL: Do próprio instituto, e também na área de epidemiologia.

TF: Aí você já estava encantada com epidemiologia?

IL: Aí já estava encantada com epidemiologia. Eu realmente já estava encantada. A minha tese de doutorado foi, digamos assim, uma boa tese, altamente elogiada. O professor americano que morava no Chile, examinou essa tese, mas mandou um parecer que era um primor. Eu fiquei toda assim: cheia, apavonada né? [risos] Eu disse, pô. [?] Aliás, quem me disse primeiro nem foi ele, depois eu recebi a informação dele. Quem me disse primeiro foi Marcílio. Você se lembra de Marcílio?

TF: Não. Eu não conheci Marcílio.

IL: Carlos Marcílio. Ele era do CNPq de cargo alto. Ficou um tempão lá no CNPq, Marcílio Carlos Marcílio. Carlos Alfredo Marcílio. Ele ficou em cargo, ele nunca foi presidente. Mas o cargo dele sempre era alto, e ele tinha poderes lá dentro. E ele entrou lá, por [...] por causa de um senador. Foi quem arranhou isso pra ele. Um senador do Ceará, conhecidíssimo. Esse cara morreu. Morreu naquele avião que saiu e caiu na França, num campo de cebola. Você se lembra?

TF: Me lembro disso. Me lembro desse acidente mas não saberia dizer.

IL: Em 73, 1973. Esse avião caiu. Ele tava dentro do avião, ele morreu. Ele era senador. Pronto, aí, eu passei, eu fui selecionada, mas no primeiro ano eu não pude ir, porque eu estava grávida.

TF: Mas o curso era aqui?

IL: O curso era [...] Não. O curso era nos Estados Unidos. Ele mandou eu optar, por uma cidade da América do Norte. Aí eu disse, eu fiz uma opção por uma clínica, uma parte de clínica que estava trabalhando com epidemiologia clínica. Com os originais dos membros [?] . Eu conheci os membros, eles foram meu professores [interrupção - pessoas entraram no local] Então eu fui para, me candidatei para universidade, era para Johns Hopkins que eu queria ir. Aí a Rockefeller, ai Kellogg achou que não. Que não, que ela não queria essa universidade não. Queria outra. Que eu escolhesse outra. Aí eu cheguei e disse assim: bom, então eu quero a universidade, eu quero ir para o Departamento de Epidemiologia da Universidade da [...] a principal universidade canadense que era em francês e em inglês. Como é o nome? O hospital é Douglas. Como era o nome? Esqueci o nome. Então eu fui para o Canadá. Meu filho nasceu, 40 dias no colo. A minha filha tinha 02 anos e meio. ‘Bora’ para o Canadá. Meu marido já estava lá fazendo curso, foi por isso que eu quis ir para o Canadá. Meu marido estava na McGill! Aquela universidade canadense a McGill.

IL: Eu digo: pode não ser famosa, pode não ser isso ou aquilo, não me importa. Mas era famosa. E aí eu fui, e tive que fazer uma entrevista no Canadá. E aí eu fiz uma entrevista e [...] Eu tava, tinha tomado curso de alemão, e tava misturando inglês com alemão. Aí eu cheguei e fui para lá fazer a entrevista com um homem, porque o meu marido tinha marcado para o outro dia que eu chegasse. Aí eu disse: mas eu preciso primeiro fazer um curso de reciclagem de inglês aqui. Eu já tomei curso, eu sei, mas nunca estive em um lugar que todo mundo fala inglês. Aí eu fui, e ele disse assim: você fala francês? Eu disse: francês eu falo. Aí eu comecei a falar com ele em francês, porque francês não é uma língua que a gente perde tão rapidamente porque ela é latina. Aí eu fiz a entrevista em francês, e ele disse assim: quando é que você quer vir? Aí, eu disse: bom, eu tenho que voltar para o Brasil, arrumar minha vida, para poder voltar para cá. Ele fez: pois bem, quando você estiver pronta você [...] Não tinha e-mail, não tinha e-mail.

TF: Não tinha e-mail, é carta

[risos]

IL: Você faz uma carta para cá. Aí manda um ofício, do seu chefe, uma coisa o que for você manda para cá. Eu disse: está certo. Ele disse: você acha que vai demorar mais de 03 meses? Aí eu cheguei e disse: não. Mas o tempo passou. Quando foi no fim do ano,

ele mandou para mim, outra carta: o nome da senhora está mantido como candidata aprovada para o doutorado. Agora, a senhora tem que mandar dizer se vem ou se não vem. Aí eu mandei dizer que não ia.

TF: Desistiu.

IL: Eu desisti porque eu tava com os meninos pequenos, e eu, por questão das crianças. Aí eu desisti.

[vozes sobrepostas]

TF: Mas aí você resolveu então fazer o doutorado no Brasil.

IL: Aí, eu disse assim: aí o doutorado no Brasil? Não. Aí eu não fiz doutorado. Eu fiz doutorado e não fiz doutorado. Como muita gente aqui fez doutorado e não fez doutorado. Abriu na universidade, na Universidade Brasileira, a possibilidade de um adjunto 04, fazer uma tese de doutorado e, defender aqui mesmo, sem precisar ir fazer curso fora. Eu acho que foi uma época que a CAPES queria aumentar o número de doutores [interrupção - pessoas entram no local]. Abriu esse doutorado. Como é? Doutorado por [...] doutorado por notório saber, uma coisa assim.

TF: É.

IL: Aí eu disse [...]

TF: É título do sem o curso.

IL: Era esse o título do sem o curso. Mas não teve. Teve tese. Depois que eu fiz a tese foi que botaram o doutorado por notório saber, sem nada. Foi aí que Jairnilson [Paim] ganhou o notório saber, sem ter feito o doutorado, e sem ter feito a tese. Eu fiz a tese. A primeira tese minha, foi assim, é [...] “pegando a mosca”. O negócio é o seguinte, como eu já tava fazendo pesquisa, eu já era pesquisadora do CNPq nessa época, do nível mais baixo, mas já era do CNPq. Aí eu mandei a proposta para o CNPq, a proposta foi aprovada, e eu não pedia dinheiro a ninguém para fazer, para fazer trabalho científico. Eu usava o meu dinheiro. Você pode acreditar num negócio desse? No começo eu usava meu dinheiro. Depois foi que eu pedi. Aí, a [...] eu fiz uma tese, aí eu me desviei, repara só. Eu fiz clínica médica, clínica médica. Tem a ver com adulto? Tem a ver com adulto. E adulto tem a ver com doença crônica. Aí eu me [...] Foi a minha sorte, eu fiz eu fiquei

pensando assim, eu vou fazer uma tese, uma coisa que eu nunca estudei na minha vida. Sobre uma coisa que eu nunca estudei que eu vou meter a cara. Vou fazer e vou abrir essa, essa linha de pesquisa. Da epidemiologia de doenças crônicas não transmissíveis. Aí, entrei bem. Eu fiz a tese sobre acidente vascular cerebral. Acidente vascular encefálico. Foi aí que eu soube que neurologia o pessoal não chamava cerebral.

TF: [?]

IL: Não chamava cerebral, chamava encefálico. Porque o processo era no cérebro. Aí eu fiz uma tese em que eu fui procurar todos os atestados de óbito de um período que [...] Eu fui para, eu fui para secretaria de saúde, com, arranjei uma pessoa para me ajudar, aí [...] para não pagar nada, né? Arranjei um aluno, eu tinha um aluno de, de [...] iniciação, não era iniciação científica. Monitor, monitoria. Ele ia fazer medicina, ele ia fazer neurologia. Ele tava no quarto ano de medicina. Ai eu perguntei: você quer trabalhar comigo? Eu vou trabalhar com acidente vascular encefálico. Ele disse: ah, ótimo! O pai dele já era cirurgião cerebral neurológico. Aí, ele foi, aí eu fiz, eu andei por essa Bahia toda, eu “cavuquei” tudo quanto era serviço de urgência para pegar os casos incidentes, né? Aí eu peguei, peguei os casos de mortalidade e fui para os atestados de óbito todos. Vasculhei aqueles atestados de óbito de, de [...] E aí, isso. Peguei atestado de óbito, tudo! Depois eu fiz isso com infarto também. Depois eu peguei fui, serviço médico, por serviço médico que atendia emergência e urgência. Todos chegavam lá, já encontrava no corredor nas macas, os acidentes vasculares cerebrais. [risos]. E aí, com esse material eu fiz minha tese de doutorado. Foi uma tese de doutorado que abriu meu caminho, essa tese. Aí eu comecei, eu avancei, cotovelei tudo que tava pela minha frente, e fui abrindo meu caminho. Fui sendo uma nadadora sabe? Eu vou buscar meu caminho. E fui buscar meu caminho. E aí, aí eu me firmei. Mas foi penoso, esse caminho todo foi penoso. E me [...] me desculpe de eu ter sido tão prolixa, mas foi o início [...]

IL: O início ainda está tão longe.

IL: Aí eu fiz a tese, e o doutorado eu defendi [...] em 1991, foi defesa com 05 professores, sendo um de fora. E um deles foi Ruy Laurenti, que você conhece Ruy Laurenti?

TF: Conheço, conheço. Claro.

IL: Quem olha, quem abriu o caminho de doença crônica, de epidemiologia de doença crônica no Brasil. Foi: Laurente, eu e [Aloyzio] Achutti. Você conhece Achutti?

TF: Achutti, não.

IL: Achutti ele faz epidemiologia porreta, e ele não é epidemiologista. Ele é cardiologista do Rio Grande do Sul. Professor magnífico. Uma pessoa assim, nota 10. O que ele sabe de epidemiologia, muito epidemiologista não sabe. E as minhas viagens loucas, por esse Brasil a fora, toda, foram a custas desses acidentes vasculares cerebral, encefálico. E depois me pediam de todo lado esse negócio porque ninguém viu, o pessoal da área de neurologia de São Paulo me pedia para eu ir fazer palestra, eu fui para o Rio Grande fazer palestra, fiz uma conferência em um congresso foi muito interessante. E nesse congresso, ave maria! Eu tava [...] Eu tava, eu disse: meu Deus do céu, eu não pensei que saber epidemiologia de crônica era uma coisa tão [...] Mas era, mas era. Aí eu fiz a tal, a tal da epidemiologia crônica, das doenças crônicas não transmissíveis. E, aconteceu que eu tive uma hérnia de disco, aguda. E eu ficava no chão. Deitada no chão, aqui em cima. Eu falei: meu Deus, o que é que eu estou fazendo deitada aqui nesse chão que eu não posso levantar, que me dói tudo. Aí, eu disse: eu já sei o que eu vou fazer. Aí comecei a ir ali por computador então eu descobri. Eu vou fazer um livro. Eu vou escrever um livro, sobre epidemiologia de doenças crônicas no Brasil. E eu escrevi um livro. O livro esgotou a tiragem. Ele foi em que ano, foi que eu lancei esse livro, eu não sei. Acho que foi em 98, eu não sei. 1998, eu não lembro.

IL: Mas eu sei que [...] quem patrocinou, sabe quem, foi? Foi [...] é [...] Eu não sei em que setor, mas da Fundação, ENSP. Da ENSP.

TF: Da Fiocruz.

IL: Não, não foi da, a Fiocruz em si não. Foi [...] Associação Brasileira [...]

TF: ABRASCO

IL: De Saúde Coletiva. ABRASCO. ABRASCO. Foi a ABRASCO e Hucitec. A Hucitec fez um convênio com a ABRASCO, e publicou o livro. Aí lá você encontra todas as cardiovasculares, diabetes, obesidade. Asma brônquica, pneumopatias crônicas, artropatias. Aí você encontra assim epidemiologia, uma parte, eu tinha conhecimento de trabalhar, de manipular, tudo. Outra eu não trabalhava. Artropatia eu não trabalhava

com artropatia. Mas eu estudei artropatia para tudo quanto foi lado, e era crônico, e eu enfiei lá no livro. E [...] Esse livro esgotou, ele tirou 3 mil exemplares só, e esgotou. E eu tinha, e não me avisaram que tinha esgotado. Para eu refazer a edição, né?

IL: Ficou na primeira edição esse livro e ele podia ter entrado em outra edição, mais [...]

TF: Mais modernizada.

IL: Mais modernizada, atualizada e tudo. Mas o que eu recebia de pedido desse livro, está esgotado. Então pronto. Então aí eu já tava realmente nas doenças crônicas não-transmissíveis, da epidemiologia. Bom e aí, pronto. E aí todo mundo me chamava para tudo aí que tinha de tese de epidemiologia de doença crônica, eu tava junto, eu tava na banca. Vinha gente para aqui para eu orientar e foi assim. Essa foi a minha parte da doença crônica. Bom, eu no Departamento, isso é muito interessante [...] Eu entrei no Departamento de Medicina Preventiva você vê, não, não foi mérito meu, porque Roberto Santos me varreu para dentro. Porque Roberto Santos tinha uma mania, de [...] Ele está vivo ainda, [?] ele tinha uma mania, de que as pessoas fizessem o que ele queria. E todo mundo obedecia a ele. Todo mundo que queria fazer alguma coisa obedecia a Roberto Santos. E eu não obedecia a ninguém. Eu digo: Não, não é o que quero. Então eu fui ser, eu fui ser, eu era residente, quando eu era residente, eu fiz dois anos de residência. Um em clínica médica, o segundo em clínica médica com a inclusão especial de nefropatias. Nefrologia. Então eu fazia, o povo filava muito a aula, filava, sobretudo do 6º ano de Medicina filava muito o estágio. Porque tinha que ficar lá, passa doentes, aquela coisa toda, na enfermaria, etc. e tal. E eu não esperava ninguém, eu ia passando tudo. Ia que nem um trator, resolvendo meu problema e um dia, Roberto Santos, eu tava na clínica de Roberto Santos, como residente tapando um buraco de um residente que saiu. Então, quem vai ser residente, eu não posso deixar a clínica de Roberto Santos vazia. Tem que botar alguém ali, quem vai? Quem vai é Ines. Ah bom. Está certo. Eu vou. Aí Roberto Santos um dia mandou da reitoria avisar que ia, naquela manhã, fazer uma visita de enfermaria. Cheguei lá, a quem tomava conta da enfermaria na época e disse: óh doutor fulano, professor fulano. O reitor está vindo aí fazer uma visita de enfermaria. Os internos daqui, onde estão? Não tem nenhum interno aqui. E cadê os internos? Eu disse: eu não sei quem toma conta de internato aqui. Porque eu não sou. Eu sou residente, não sei quem toma conta. Aí pega para cá, pega para lá. Não acharam nenhum interno. Estavam nos estágios pagos. E agora Ines, o que eu que faz?

Eu digo: agora, o paciente não é meu? São 19 ou 20 todos são meus. Eu sei tudo o que eles têm. Manda Roberto para cá. Aí, chegava numa cama, eu ‘pápápápápá’, falava rápido como o que, meu nome era boneca elétrica, meu apelido, boneca elétrica. Ai, ele ficou assim abismado. Ai eu disse: ele ficou abismado, porque eu apresentei todos os casos. Todos os 19 casos. Aí ele foi embora. Quando foi no outro dia eu fui chamada. Ines você, você, está acabando o 2º ano de residência. Eu tenho uma proposta para você, você quer fazer farmacologia? Eu disse: como é professor Roberto? Reitor. Mas eu chamava professor. Eu fazer farmacologia? Nem em sonho! Ele fez porque, uma disciplina [...] Eu digo: ninguém quer fazer isso numa universidade. Ninguém numa universidade que fazer farmacologia. E muito menos eu, que me preparei para ser uma boa clínica. Aí ele chegou e disse: está bom. Aí no outro dia ele mandou me chamar e disse: Ines [...] eu disse: sim professor, na reitoria, viu? A reitoria você sabe, é de frente ao hospital.

IL: A [...] Ele fez assim, olha: você não gostou de farmacologia, mas eu tenho uma coisa para você fazer boa. Você vai fazer, você vai estudar em São Paulo, com fulano de tal, que era o [?] Você vai com ele, eu vou ligar pra ele, você vai estudar com ele, os mecanismos de coagulação, fator x, fator não sei o quê, fator não sei o quê. Eu digo: não vou fazer nada de laboratório Professor Roberto. Eu vou fazer clínica médica e clínica médica, e clínica médica. Aí ele pegou e fez assim [...]

TF: Não tem jeito. [risos]

IL: Quando eu tiver, quando eu tiver [...] Nunca ninguém disse assim para ele. Quem ele dizia que ia fazer oftalmologia se picava, ele não ia e arranjava um lugar nos Estados Unidos, ele não voltava com 03 meses e dizia: não gostei daquele não. Sempre foi assim. Aí eu cheguei e disse não. A mim não. Eu sei o quê que eu quero. Quê que é isso? Aí eu fui, saí da 2ª médica. 2ª clínica médica, onde eu trabalhava, e fui fazer a epidemiologia clínica mesmo. E na epidemiologia clínica aconteceu o seguinte: É [...] Sebastião, ele fez. Ele era o guru. Ele era o guru. É [...], mas ele sabe. Ele não foi para os Estados Unidos fazer passeio. Ele foi para Europa fazer passeio. Mas para os Estados Unidos ele não foi fazer passeio. É [...] Então. Sebastião [...] Sebastião, Sebastião que tinha formação em saúde pública, Joselita tinha formação em saúde pública, é [...] Celso Arau... tinha formação em saúde pública. Era mais ou menos 05 que tinham formação em saúde pública. E eu não era. Nós éramos mais ou menos 08. Eu não era.

TF: No departamento?

IL: No departamento. O departamento era pequenininho. É [...] 05 pessoas, 08 pessoas do departamento. 05 tinham formação em saúde pública, eu não tinha. Só que eu não ficava parada no ponto.

TF: O que você está chamando de formação em saúde pública? Porque você tinha feito mestrado.

IL: Tinha feito o mestrado, mas o meu mestrado, a [...] tinha realmente eu tinha feito o mestrado, o doutorado foi epidemiologia, porque eu trabalhei epidemiologicamente. A tese do mestrado também foi usando epidemiologia, dentro do epidemiológico.

TF: Então porquê que os outros eram epidemiológicos, de saúde pública e você não?

IL: Porque eles achavam que eu era muito biologicista. Sebastião, particularmente, achava que eu era muito biologicista. Então, depois aí, foi começando a entrar gente. Entrar gente. Gente formada em [...] Que quando Sebastião era chefe de Departamento ele formou algumas pessoas, sendo monitores. De epidemiologia, ou de saúde, não tinha disciplina Saúde Coletiva, era Medicina Preventiva mesmo. Ele botou. Ele, ele [...] formou alguns. E aí eu era, eu continuei fazendo pesquisa, mas a minha pesquisa era, tinha nome de doença. Epidemiologia da hipertensão arterial. Epidemiologia vamos botar epidemiologia na frente. Assim, digamos: Epidemiologia da hipertensão arterial. Hipertensão arterial, diabetes e [...] Mortalidade por diabetes, mortalidade por infarto. Ia por aí, e eles não trabalhavam com estas coisas.

TF: E essa tua área não era vista como de Saúde Pública?

IL: Não. Só quem fazia era eu. Eu sozinha.

TF: E esse outro grupo fazia que tipo de saúde [?]

IL: Ah, variado. Sebastião fazia nessa época, ele fazia é [...] doença de chagas, ele fazia, ele fazia [...] de alguma coisa.

TF: Mas era epidemiologia da doença de chagas?

IL: Era, doença de chagas. Era epidemiologia, leishmaniose.

TF: E o que diferenciava da sua área.

IL: A dele era mais, era mais doença de pobre, tinha isso, socialmente era mais de pobre. Era doenças infecto-contagiosas, ou infecciosas clínicas. Ele trabalhou um pouco com Leishmaniose. Ele trabalhou um pouco com [...] com chagas e esquistossomose. Que foi a tese dele e foi uma tese, é [...] Como eu fiz minha tese usando coisas parecidas. Agora, mas eu fui discriminada. Sempre fui discriminada. Porque eu vinha de área de clínica de médica, eu tinha feito clínica de médica, eu sustentava minha clínica de médica eu [...] mais umas 02 teses que eu fiz. E ainda fiz uma 3ª tese que eu não defendi, para livre docente também sobre epidemiologia. Eu não defendi por quê? Porque havia uma briga entre o reitor e a chefe do meu departamento, do departamento, que na minha época era Liane Azevedo uma geneticista. Então eles brigaram e então ele pegou o meu processo que tinha ido para poder a reitoria no conselho universitário é escolher os 02 professores de fora para examinar, ele embolou minha tese, botou minha tese de canto, e não fez nada que a Medicina Preventiva fazia. Não fazia nada, não dava nada. Então eu fiquei com a tese toda pronta, 500 exemplares. E [...] os 03 professores iniciais já com o resultado de positivo para aceitar, e os dois que eles tinham que pagar, que a universidade tinha que pagar a vinda, ele não selecionou, ele não levou. Ele não me conhecia. Então [...]

TF: Esse era o reitor? Quem era esse?

IL: Eu me esqueci o nome dele, mas era na época de [...] Esqueci o nome dele. Mas ele era ruim mesmo, ele massacrou a Medicina Preventiva nessa época aí, que ele ficou 04 anos aí.

TF: Isso era mais ou menos quando? 90?

IL: Isso foi [...] 90. Mais ou menos nesse ano, por aí. Ele foi um homem que foi muito [...] invadiram a reitoria porque não queriam ele. É mais ou menos o que fizeram com Dilma agora, né? [risos] Com cartazes, não quero não, fora fulano de tal. Não sei o que. Então é [...]

TF: E como é que era visto o Departamento de Medicina Preventiva, na relação com os outros Departamentos de Medicina?

IL: Ruim, ruim. Ruim no relacionamento. Boa a convivência. Quer dizer [...]

TF: Para fora do Departamento?

IL: Se o Departamento [...] as pessoas do departamento eram bem quistas, eram bem vistas. Eram bem vistas, etc. e tal. O Departamento em si, é agora, a medicina a Saúde Coletiva, isso aí, era que nunca pegou nos outros departamentos. Não tinha um departamento que elogiasse a Medicina Preventiva ou que achasse que ela era necessária. Não tinha. Nenhum. Então [...] Depois foi que, a pediatria botou um mestrado, abriu um mestrado e precisava da epidemiologia, porque depois dessa época todo mundo queria epidemiologia. Epidemiologia parecia um fantasma. Que virava hospital pra lá e pra cá. E que todo mundo queria saber e não sabia. E todo mundo ficou mais ou menos, do resto do hospital das outras matérias, etc. e tal, todo mundo ficou ressabiado, porque não sabia epidemiologia, não sabia o que era isso. Não sabia para que servia. Muito menos a área de administração, aquelas outras área de Medicina do Trabalho, não sei o que.

TF: E o Departamento de Medicina Preventiva, ele foi ao longo da trajetória dele incorporando outras áreas também.

IL: Não, mas isso foi, mas [...] isso é mais recente. Bem mais recente.

TF: Mais recente, na década de 90.

IL: Não, 90 eu já tava, não. 90 ele incorporou, mesmo assim não foi tão fácil. Tão [...] ele incorporou alguma, uma ou outra [...]

TF: Veterinária, sociologia, não foi uma incorporação assim?

IL: Não. De ter feito. Das pessoas terem ido fazer tese, desenvolver tese lá, com a orientação de lá, teve assim: A pessoa foi lá, fez tese, fez mestrado etc., etc., quis ir para os Estados Unidos. Uma médica veterinária, por exemplo, professora de veterinária, quis ir para os Estados Unidos fazer doutorado de veterinária, ela usou a epidemiologia e foi pra lá fazer veterinária. Então ela, ela. Professores da escola de enfermagem [...]

TF: Mas era veterinária no caso? E estava dentro da Medicina Preventiva?

IL: Não, não estava. Mas ele aceitava na [...] mas ele aceitava. A Medicina Preventiva.

TF: Diz que aceitava as teses era o temário.

IL: Tinha que ter a prova de entrada, a prova de entrada, Medicina Preventiva para fazer mestrado em saúde pública na Medicina Preventiva como todo mundo mistura chama,

Medicina Preventiva. É [...] Quando ele, ele fazia o exame. A gente fazia a tese, fazia teste de inglês, fazia teste de currículo, e fazia teste de, prova de conhecimento. E tinham as áreas que podiam fazer medicina. Tinha área de música, música fazendo Medicina Preventiva. Tinha, tinha, história mesmo, história geral. Não a sua, você está fazendo outra história. [risos]

IL: Mas gente de história geral, essa moça trabalhava com sarampo. O tempo todo, não agüentou, foi embora. Então tinha muita gente que ia lá, fazer. Que era de outra área, mas ia lá fazer, sociologia, psiquiatria.

TF: Como aluno, você diz.

IL: Como aluno, como aluno. Ia como aluno.

TF: Mas não foram contratados pessoas, você não lembra dessa história?

IL: Não, não foi contratado nenhum professor psiquiatra, quem tomava conta na época era Naomar [Almeida Filho]. Naomar [Almeida Filho] dizia, Naomar [Almeida Filho] nunca foi psiquiatra, mas ele fazia epidemiologia doenças mentais. Depois ele se uniu com Vilma Santana, Vilma Santana tinha estudado, feito residência, residência não, internato em psiquiatria, ficou trabalhando com Naomar [Almeida Filho]. Quando Naomar [Almeida] ainda tava na época da psiquiatria, na doença mental. Aí, mas não contratava ninguém não. A primeira pessoa de fora que entrou lá foi um filósofo, sociólogo, ele é formado em direito e ele é sociólogo, que é, é Romélio Aquino. Romélio Aquino, aí sim ele passou para o quadro da universidade, saiu da dele lá, que era da área de sociologia, não sei onde é, não sei que faculdade é. Aí saiu de sociologia e veio transferido, ele foi transferido para [...] e foi esse.

TF: DMP.

IL: Foi. Depois houve a briga na hora de reformar o mestrado em Saúde Coletiva, o mestrado não, o Departamento em Saúde Coletiva. Depois do departamento de se desvincular da universidade como uma unidade se formou uma unidade, aí quando se formou a unidade, Romélio [Aquino] veio e entrou. E Romélio [Aquino] era essencial.

TF: E Romélio [Aquino] ficou no departamento?

IL: Ficou, ficou. Mas não era mais o departamento, era uma unidade da universidade.

TF: Não, mas aí houve a desvinculação e ficou o departamento e ficou o instituto.

IL: Ficou.

TF: O departamento permaneceu, nessa época você permaneceu no departamento?

IL: Permaneci. E, eu já saí, com, eu já saí bem adiantado, mas não o que é hoje. Hoje o Departamento de Medicina, outro dia eu fui lá, o Departamento de Medicina Preventiva é uma coisa inimaginável, com o que eu deixei quando eu me aposentei. Hoje o corpo docente é enorme.

TF: O que aconteceu?

IL: Eu não sei o que aconteceu. Eu fiquei sem ir lá, sem ir. [vozes sobrepostas]

TF: Mas o departamento ou o instituto, você está falando de qual?

IL: Do instituto.

TF: O departamento ainda existe. Você chegou a ir lá?

IL: O departamento, não. O departamento está incorporado. Não existe na universidade, dentro das, das [...] matérias da universidade, no currículo da universidade não existe Medicina Preventiva, como uma [...] como uma disciplina ou outra coisa, como um departamento. Ele está incorporado ao Instituto de Saúde Coletiva. Porque foi a Medicina Preventiva, que teve um racha, teve um racha. Algumas pessoas saíram, fizeram, ficaram no Departamento de Medicina Preventiva, tem o Departamento, sim.

TF: Sim.

IL: Que é onde está, ficaram 04 pessoas no Departamento de Medicina Preventiva. E o resto, ficou com o Instituto de Saúde Coletiva.

TF: E você ficou no departamento, nessa época que você está falando?

IL: Fiquei no Instituto de Saúde Coletiva. Não, não fiquei no departamento não. Era uma briga política, também.

TF: Que era essa briga?

IL: Essa briga? Era por causa de, de [...] viagens para o exterior, eram brigas porque muita gente não queria ensinar aquilo. Muita gente não via bem, algumas pessoas que ficara. Por exemplo, o Romélio [Aquino] não era bem visto por todas as pessoas. Não era.

TF: Por que não era?

IL: Não era. Ele era extremamente crítico. Não fazia absolutamente nada, a não ser ler jornal e, e [...] assumir lugar nas reuniões de departamento como um grande chefe. E ele não era. Está? Ele não era. Ele era um sociólogo, com formação em direito, e me desculpe, ele não era sociólogo, ele era filósofo.

TF: Filósofo.

IL: Que ainda brincava: para que a Medicina Preventiva quer um filósofo aqui? Para estudar o que? Mas brincando né? Porque se ele quisesse estudar ele teria feito alguma coisa. Ele nunca fez um trabalho. Nunca. Ele não era chamado para nada. Ele tinha um grupo, que, tinha um grupo que era o grupo de políticas de saúde do departamento. Esse grupo era um grupo, do instituto, era um grupo muito forte. E era o grupo mais forte de todos. Já quando eu saí não era o grupo mais forte o mais forte, que eu considerava o mais forte era o Sebastião que era o de economia e saúde. Que já tinha trazido para cá, um grande pedaço da escola de economia, da Faculdade de Economia. Tinha trazido um núcleo, aquele núcleo mais peneirado que fica assim de bom.

IL: Então, tinha, foi esse grupo que ficou com Sebastião e depois Sebastião contratou muita gente de fora, chamava muita gente de fora. Já Sebastião, Sebastião já aposentado. Sebastião saiu para uma área, eu não sei por que Sebastião saiu para essa área, mas Sebastião saiu para uma área que eu disse: quem fala, quem viu Naninha? Você conhece essa coisa?

TF: Não, sei fala.

IL: Quem viu Naninha, hein? Quer dizer: você falava de mim e de repente você está fazendo o que eu faço, como coisa principal. Então: quem viu Naninha, hein? Você conhece não?

ER: Conheço.

IL: Então, Sebastião, ele entrou de férias, é, ele foi, viajou. Entrou de [...] desculpe. Ele se aposentou, ele viajou pelos Estados Unidos, pelos, pela Europa e voltou pra cá, estava de [...] ele estava aposentado da Medicina Preventiva, eu também estava.

TF: Você se aposentou quando?

IL: Em 199 e 1993, por aí assim.

TF: Não, você não chegou a ir pro ISC? O ISC foi em 95.

IL: Fui! Fui pro ISC.

TF: O ISC foi em 95. Você se aposentou depois.

IL: Não! Escute.

TF: A formação do ISC foi em 95.

IL: Eu fui pro ISC sim. Mas não foi em 95, não. 95 foi a arrumação, a primeira fase de arrumação da [...] da casa do ISC.

TF: Ele ficou em organização de 94 a 95.

IL: Foi em organização.

TF: Foi nessa época mais ou menos que você se aposentou.

IL: Eu me aposentei, mas eu continuei trabalhando. Fiquei lá até [...]

TF: Você ficou como colaboradora?

IL: Sim e não, fiquei como pesquisadora, porque eu tinha bolsa do CNPq. O tempo todo eu tinha bolsa do CNPq. Então eu continuava trabalhando em pesquisa. Lá e [...] eu sai de lá definitivamente da pesquisa em 2009. Agora e ainda tenho coisa pra escrever aí, material de doença crônica e epidemiologia. Sebastião é engraçado o caso dele, porque ele foi, viajou aposentado, voltou e voltou e aí ficou [...] Iá, lá no departamento e sumia. Aí eu vim saber, que Sebastião era médico da Odebrecht. Foi contratado médico da Odebrecht, num patamar, elevadíssimo de médico. A sala de Sebastião, você precisa ver lá no prédio da Odebrecht. E Sebastião foi contratado, para ser médico [...] dos grandes, das grandes figuras da Odebrecht. O resto ia para os convênios. Ele conhece clínica médica, Sebastião. É diferente dos outros. Tem gente ali na Medicina Preventiva que é

médico, e que, de repente não sabia que sífilis, pegava de uma pessoa para outra com um beijo. Não sabia. Sífilis pega? Eu digo: [risos] sífilis pega? Sífilis está fora do ar, por causa da, dos tratamentos assim, tudo quanto é coisa, todo mundo tomava, penicilina, a sífilis, caiu. Mas não, por [...] eu nunca ouvi dizer que sífilis pegava. Eu digo: meu Deus, você não sabia não, que sífilis pegava via sexual? Eu não. Médicos. E Sebastião, é [...] Foi ser médico da Odebrecht, e ai então, ele arrumou, nessa época, ele arrumou, o serviço de [...] A área de economia e saúde. Lá no Departamento de Medicina Preventiva. Não, no Instituto de Saúde Coletiva. No Instituto de Saúde Coletiva. É porque lá é assim, todo mundo troca, viu?

TF: Risos.

IL: Não sou só eu não. Aí ele foi, ele foi [...] Foi para clínica privada. Foi para o serviço privado. Começou a ganhar muito dinheiro, muito prestígio na Odebrecht.

TF: Ele saiu do departamento? Do ISC?

IL: Não, não [...] Ele ficou no ISC. Ele aposentou, voltou para o ISC para abrir essa parte de economia. Eu não disse a você que ele foi pra Europa, para os Estados Unidos?

IL: Ele foi fazer curso de economia em saúde. Pequenos cursos, porque isso não era hora, de Sebastião ser aluno [risos] de 03 anos seguidos assim de [?] de nada. Sebastião é uma pessoa que tem 70 [...] Sebastião nasceu em 38, ele tem 70 e [...] 78 anos.

TF: É.

IL: Aí ele foi, veio pra cá, fez isso, foi abriu. E Sebastião quando abre a coisa, ele abre assim: grande. Então até o espaço físico dele era enorme, em relação aos outros. Então no espaço físico ele trazia logo gente de economia, sentava ali, gente que ele trazia dos Estados Unidos [?] Ali, do Chile, da Argentina, etc. e tal. Sentava eles discutiam, então. Eu dizia: Sebastião vai bem, obrigado. Boa opção que ele fez. Ele [...]

TF: Mas como é que foi essa opção dele dentro do departamento? Essa opção dele?

IL: Não, O departamento nunca. Isso que é bom, no departamento. O departamento nunca, até quando eu estava lá, nunca fez objeção à sua escolha. Podiam falar de você, como era o caso comigo. Falavam, criticavam que eu não era uma verdadeira, eu não fui criada no ninho, dos, dos [...] é [...] do pessoal da área saúde pública, eu não fui criada

por Guilherme Rodrigues. Guilherme Rodrigues quando foi embora eu ainda [...] eu não tinha nem me formado. É [...] Então eu não fui eu não fui do ninho. Sabe? É, Sebastião foi do ninho. Sebastião era ninho. Sebastião ele é que sabia de saúde pública, lá. E ele foi formando gente, foi formando gente, ele era o guru. Então, chamo ele de guru, eu chamo ele de guru, Sebastião é o guru.

TF: Olha me diga assim, só uma coisinha: quando o departamento é, se dividiu e deu origem ao ISC, ao instituto. Você optou em ir para o instituto, houve uma opção ali, como é que foi essa [...]

IL: Houve uma opção, essa opção era política.

IL: A opção foi, houve um racha no departamento, o departamento começou a brigar. Começou por isso. Ninguém no departamento era calmo. De repente começou a brigar. Sobretudo, tinha [...] tinha [...] duas pessoas de extrema esquerda lá, uma se chamava é [...] Jacobina, não sei se você conheceu, Jacobina. Vera Formigli, era uma mulher. Vera Formigli. Carmen [Teixeira] você deve conhecer.

TF: Carmen Teixeira.

IL: É. Carmen [Teixeira], Carmen [...] era [...] Neto. Neto ameaçou matar todo mundo. Lá dentro. Neto bem tanto, porque Neto num era assim, um esquerdista. Ele era um, que se dizia esquerdista, mas, não era. E Fernando, Fernando [...] Não me lembro mais do sobrenome do Fernando. Fernando que ficou no Instituto, no Departamento de Medicina Preventiva. E Soraia, Soraia não era pet [petista] [...] não era, é [...] comunista, não. Ela era simplesmente apreciava o trabalho dos outros e era amiga. Então era esse grupo que fazia amizade, certo? Com Romélio [Aquino]. E ainda tinha um outro personagem que se chamava Luiz Umberto Ferraz. Primo desse Léo Pinheiro. Que está às voltas com a lava jato. Léo Pinheiro. Então Umberto Pinheiro, ele era um psiquiatra que fez curso de [...] mestrado em Londres, e não sabia nada de epidemiologia, não sabia escrever, não sabia falar. Então, ele aí ficou no Departamento de Medicina Preventiva, por amizade com Jairnilson [Paim], por amizade por Sebastião, por amizade com Naomar [Almeida Filho]. Então, Por amizade ele ficou no departamento, só que ele, é [...] era altamente extrema [...], esquerdista. Aí, esse povo fez uma confusão, esse grupo, fez uma confusão dentro do departamento, de briga mesmo. Briga por disciplina, briga por espaço, briga por falar e briga por não sei o quê. Eu vou dizer uma coisa a você: a briga era tanto, que

toda segunda-feira, nós tínhamos reunião de departamento, começava 08 horas. Terminava 01 e meia da tarde, era para terminar doze. Terminava 01 e meia, deixando a matéria para ser resolvida na próxima reunião. E assim seguia, e ninguém nunca resolvia nada. Era assim. Porque esse grupo não deixava, não deixava de falar. Tomava a palavra, e era um horror!

TF: O grupo, que ficou no departamento.

IL: Que ficou no departamento. Então, na hora de dividir o departamento, na hora que o departamento, o Instituto de Saúde Coletiva foi aprovado como uma unidade de universidade, aí, aí se abriu para quem quer ir pra cá, e quem quer ir pra lá. Então, quase todo mundo veio pra cá, como Naomar [Almeida Filho], como Sebastião, como Jairnilson [Paim], Jairnilson [Paim] é uma pérola. Jairnilson [Paim], é Maurício Barreto, é [...] Esses vieram para o Instituto de Saúde Coletiva, os outros, é Carmen [Teixeira], Carmen [Teixeira] veio, para o Instituto de Saúde Coletiva,.

IL: Os outros ficaram no Departamento de Medicina Preventiva porque a Faculdade de Medicina disse que, não permitiria que ninguém saísse da Medicina Preventiva, se não ficasse um Departamento de Medicina Preventiva ali. Então, caiu a sopa no mel, porque um grupo não queria ir para o Instituto de Saúde Coletiva, os que estavam indo, queriam que eles fossem, e aí, esse grupo ficou, com o Departamento de Medicina Preventiva. Então, eles ficaram, eles re-arrumaram, Fernando, por exemplo, eu não me dou muito com Fernando. Fernando, ele [...] ele, ficou como líder. Ele tem capacidade de ser líder, e aí pronto, e o departamento ficou como departamento. E o instituto, ficou como instituto, indo bem obrigado, todo mundo trabalhando direitinho, mas aí começou a se expandir. Se expandir demais. Essa expansão, a expansão que eu vi, foi quando teve, quando era obrigada a fazer o curso, o mestrado em saúde da família, que aí, a gente viu, gente nova entrando, e sendo contratada por verba de pesquisa, sendo contratadas por verbas, não diretamente vinculadas à universidade, mas sim às pessoas que eles convidaram para essa, para trabalhar. E, geralmente ganhando uma bolsa de pesquisa, entrando no CNPq, o chefe entrando no CNPq pedindo bolsa de pesquisa para um para outro, e aí, ficou. Mas o que eu sei agora, é que o departamento, Instituto de Saúde Coletiva, está repleto de, de nutricionistas e enfermeiros e nutricionistas, eu fui e vi, falei: quem é? Ah, é para o seu fulano, não conhece não? É novo. Aí, a última vez que

eu fui, eu não conhecia ninguém [risos] nem assim o pessoal do, da administração, de coisa administrativa, eu não conhecia ninguém. É, Glória! Glória é ótima.

TF: Eu conheço, é.

IL: Glória veio de fora, Glória veio do Hospital das Clínicas, do Departamento de Medicina Preventiva, disciplina, é [...] doenças infecciosas e parasitárias. E ela então, se, se [...] pediu transferência para Medicina Preventiva. Aí ela já estava bem engajada com a Medicina Preventiva, porque também ela é política.

TF: É. E me diz assim: Como é que você vê, a gente já falou aí de vários nomes

IL: Já.

TF: Medicina Preventiva, Saúde Comunitária, Saúde Coletiva, Medicina Social [...]

IL: Saúde Comunitária foi o nome do mestrado, mestrado em Saúde Comunitária.

TF: Como é que você vê essa conceituação? O que é que tem diferente entre essas, esses nomes diferentes?

IL: É [...] Para mim, é [...] com exceção de alguns enfoques que cresceram, cresceram muito com as pessoas etc., e tal, e com pessoas novas que entraram, mas para mim, é, eu acho que, e para muita gente de lá, a Medicina Comunitária, para Medicina Social, para Medicina [...] Você me disse o que?

TF: Saúde Coletiva, Medicina Previdenciária?

IL: Saúde Coletiva, Saúde Coletiva é que é uma coisa mais assim... Para mim, que diz assim: Eu estou tomando conta de um pedaço e praticamente de tudo. Mas Saúde Comunitária para mim toma conta de, é responsável, é responsável, esse título, por uma fatia da sociedade, uma fatia. Se bem que Saúde Coletiva tem uma fatia da sociedade também, mas é um conjunto. É muito maior, é muito mais abrangente.

TF: E como é que surgiu esse nome?

IL: Eu fiz Saúde Coletiva.

IL: Eu Fiz. Porque como eu trabalhei com doença crônica, batia na porta da casa. Eu sei que aqui morreu alguém com infarto. Então, e assim vai. Eu vou dizer uma coisa a você,

a vocês duas: Eu sou, não estou me vangloriando disso não, mas é muito interessante, meu marido me chama muito a atenção disso. Eu sou, uma das raras pessoas, que fez medicina na comunidade. Que trabalhou na comunidade. Eu. Que saí com meu carrinho pagando minha gasolina, e fui para o Nordeste de Amaralina e fui para o Alto do Coqueirinho e fui para não sei para onde, para Cidade Baixa, para Liberdade recentemente com meu carrinho. É, para fazer pesquisa. Eu tive contato com o povo. Eu, eu questionei o povo. Eu sei o que é a doença na sociedade. Essas doenças na sociedade, de vivência. Mas no Departamento de Medicina Preventiva, é, é [...] No Instituto de Saúde Coletiva. Vou falar instituto agora. Jairnilson [Paim] é excelente. Excelente professor, vou botar como professor, e uma excelente pessoa. Um saber excepcional, feito com trabalho teórico sentado na carteira. E, referências bibliográficas. E obviamente as referências trazem a vivência de outras pessoas. É, Naomar [Almeida Filho], é [...] trabalhou em campo. Mas não ele. Ele enche de, contrata 20 pessoas aí, manda pro campo. E ele não aparece no campo. E, era assim. É [...] Quem mais que está lá? É, Maurício? Também. Maurício chegou a trabalhar no campo, indo para [...] Quando ele veio do, da bolsa dele da OMS, quando ele veio da Inglaterra com uma bolsa que tinha da OMS, ele veio trabalhar com hipovitaminose A , aqui no Nordeste e nessa época, que foi logo que ele chegou, e já tem muito tempo isso, ele trabalhou ele foi, ele ia para o interior de Salvador na Bahia e alguém fazia a mesma coisa no Ceará. Então ele tinha isso. Então ele fez trabalhos com, fez trabalhos, com experiência de viver a coisa, de, de falar com as pessoas. De questionar o que está no questionário e o que não está no questionário. [risos] Para poder, ajudar aí, alguma coisa. Maurício fez. Vera Formigli não fez, Carmen [Teixeira] não fez. Ninguém mais fez trabalho de campo. Fernando fazia. Fernando que está na Medicina Preventiva lá embaixo, fazia trabalho de campo. Beto também. É [...] Aníbal, Aníbal [Muniz].

IL: Fez trabalho de campo. É [...] Tem uma moça lá, Soraya, que iniciou o trabalho de campo que anos a fio, nunca terminou. Era um trabalho que fazia com alimento para criança, não sei o que, para desnutrição.

TF: Mas aí você, nessa tua observação assim, diferencia isso desses campos, diferenciados? Quer dizer: o fato de trabalhar no campo ou não trabalhar no campo diferencia o campo teórico?

IL: Eu acho sim, eu acho. Eu acho que a experiência de quem vai para campo, quem está em contato com entrevistadores, quem está em contato com [...]

TF: Não, mas aí você dá a diferenciação entre Saúde Coletiva e Medicina Preventiva?

TF: É isso que você está vendo?

IL: Eu acho que sim. De Saúde Coletiva e [...] Medicina Preventiva não. Eu acho que é a mesma coisa. Mas acontece que Medicina Preventiva, ele fica com muito assim [...] Ele é muito pouco. Se eu disser Saúde Coletiva eu estou dizendo uma coisa. Se eu disser Medicina Preventiva eu estou dizendo essa coisa, mas é muito restrito. Ainda é restrito. Entre esses nomes todos, Saúde Coletiva ainda é o melhor, para mim. Saúde Comunitária [...]

TF: Como é que você descreveria o que é a Saúde Coletiva?

IL: Saúde Coletiva olha [risos]. Vocês da área de [...] dessa área de coisa que vocês entendem das políticas de saúde, dessa coisa, eu não. Eu não entendo, mas... Eu não entendo, eu não abro a boca para falar. É. Porque eu não falo. Eu estou falando muito com vocês aqui, depois de tantos anos eu estou falando é muito. Mas eu nunca fui de falar assim. Eu cansei de ficar, reuniões e reuniões de departamento sem abrir a boca, para dizer um pio, a não ser um dia que, que eu, praticamente, foi um [...] verbalmente eu agredi, Beto [Luiz Umberto] . Num é porque Neto voltou. Vou só fazer esse coisa bem rápido. Neto foi fazer doutorado nos Estados Unidos. Ele não foi, ele foi aceito para o doutorado, ele foi com a mulher dele. Ele foi aceito para o doutorado, mas ele perdeu o teste de qualificação, para entrar, para terminar o doutorado. Então ele voltou para o Brasil. Então voltou para o Brasil, ele teria que estudar e fazer novamente o teste de qualificação para terminar o doutorado dele. Ele não terminou o doutorado. O que foi que ocorreu com ele: Ele veio para o Brasil, é de volta com a mulher. Mas, separado da mulher. Enquanto ele estava nos Estados Unidos, a mulher dele aqui, arranhou um outro marido. E ele não sabia. E isso foi uma coisa horrível, e quando ele chegou, que ele chegou logo, depois dela. Que todo mundo, não dá nada para Neto fazer não, que Neto está muito nervoso, ele sofreu muito com essa história. Não dá nada para ele não, a gente toma o trabalho dele e faz, não sei o que. E Neto, me batendo. Me combatendo. Eu não sei porque, que eu não falava. Eu falava com ele, eu falava com todo mundo. Não é que eu não falasse.

IL: Eu não, não discutia. Eu via as coisas erradas, eu digo: eu vou me aposentar, não quero saber mais disso não. Aí, ele [...] quando foi um dia, eu tava numa reunião de departamento, já no fim da reunião de departamento tem que fazer isso, isso, isso, isso e não tem quem faça. Aí eu fiz assim: Neto pode fazer. Neto está sem fazer nada. Aí [...] alguém, alguém virou e disse assim: não, a gente está querendo poupar Neto, é um pouco, que ele chegou de viagem agora e não sei o que. Eu fiz assim: olha vocês não querem poupar Neto porque ele chegou de viagem agora não. Vocês querem poupar Neto por outra razão que todos nós sabemos qual é! Ele está problemático, esse problema dele é familiar. Não tem nada a ver com isso aqui, e eu não sei por que as outras pessoas têm que fazer o trabalho de Neto. Todo mundo quando viaja aqui e volta, logo recebe tarefa para fazer e faz. E eu não estou vendo nenhuma razão específica para Neto não fazer o trabalho que ele tem que fazer. Eu aqui, já cansei de cobrir Neto, nas viagens que ele faz, ou nas coisas que ele deixa. Eu não vou fazer, não contem comigo. E aí [...] ele [...] teve essa briga.

TF: Isso ainda era no departamento?

IL: No departamento. Não isso era [...] No departamento!

TF: No departamento!

IL: No Departamento de Medicina Preventiva. É porque agora está difícil trocar uma coisa da outra [...]

TF: É uma confusão, é [...]

IL: Então para eu chamar o que é Saúde Coletiva, e qual é a diferença de Saúde Comunitária, eu acho que a Saúde Comunitária, ele foi um modismo. Eu acho que existem os modismos, tanto na área, na parte médica, quanto na parte de saúde pública. Eu acho que tem os modismos, isso está na moda. Esse linguajar está na moda. Esse, essa palavra está na moda. E eu já fiquei com Maurício [Barreto] sentada numa reunião da ABRASCO, em Friburgo, Nova Friburgo, sentada num auditório que tinha lá, o pessoal falando, quer dizer, as pessoas dando os seus recados, inclusive o [Paulo] Buss.

TF: Paulo Buss.

IL: Eu e ele, eu e? E Fernando, eu e Fernando, escrevendo os *epidemiologicizês*. Essas palavras que saem que vão ser comandadas por todo mundo,

vamos lá, vamos lá [...] ah, você tem esse, eu não tenho, eu não prestar atenção. Foi assim, era assim: Então, eu acho que, eu acho que, vem muito de modismo. Primeiro [...]

TF: E a Medicina Preventiva e a Saúde Coletiva? O que diferenciou? Quando vocês criaram o instituto?

IL: Quando a gente criou o instituto eu acho que, o que acrescentou muito foi política de Saúde e Economia em Saúde. Foi uma ênfase que se deu a essa parte. De Política e Saúde, que a gente pensa que não tem a ver, e tem a ver, e Economia e Saúde também que tem a ver. E Política de Saúde também que Jairnilson [Paim] faz muito bem, e economia de saúde Sebastião faz muito bem, e então. Eu, para mim, no resto eu não vi, modificações maiores, tem agora, agora eu não sei, porque nutrição não era uma coisa que se incorporava a Saúde Coletiva, na época que começou, não se incorporava. Embora a gente tivesse uma professora da escola de nutrição que passou uns 03 anos, dando epidemiologia para nutrição. Então ela dava junto com a gente, a gente discutia com ela o que ela devia falar, o que ela não podia falar, etc. e tal. O que não era. Então ela ficou e depois ela se aposentou. Era uma mulher de [...]

ER: E quem era?

IL: Quem era o nome dela? Era, era Léa, Léa Cedraz. Tem um Cedraz aí também, no lava jato, no coisa aí, pois é ele. [risos] É o marido dela. Cedraz, Leó Cedraz. O marido dela está envolvido com um negócio desse, do mesmo jeito que o irmão de Umberto, Léo Pinheiro. Mas, é isso. Isso é, eu acho isso. Que economia deu muito respaldo, política deu muito respaldo, dá. Dá prá quem quiser trabalhar eu acho que tem muito campo para bulir, para mexer, nessa coisa. Que Sebastião não vai ficar muito mais tempo lá não. Se é que ele já não está saindo, porque repara: daqui a 02 anos ele já faz 80. Aliás [...]

TF: Nem parece.

IL: Ele não sai, Sebastião hoje é uma figura, Sebastião é aquele do dedão saindo da sandália lá na frente. [risos]. Quando ele veio de Londres ele veio todo chique. É [...] Ah! Outra coisa, a nutrição poderia estar bem situada dentro da Saúde Coletiva, mas o povo de nutrição, que veio enquanto eu estava lá, que tentou fazer tese. É [...] Era muito pobre, era muito pobre em conhecimento. Mesmo de nutrição. Era. Não tinha [...]

TF: É. Tem outros campos na vigilância Sanitária é um campo que [...]

IL: A vigilância Sanitária é um bom campo, está aí fazendo [...] Lorene [Pinto] fazia vigilância sanitária. Lorene [Pinto] ficou no outro departamento, por que [...]

TF: Isso.

IL: Ficou no departamento de lá de baixo, da Faculdade de Medicina, porque Lorene [Pinto], quando a gente teve o racha, Lorene [Pinto] foi convidada para ser, é, secretária de [...]

TF: Saúde?

IL: Responsável pela parte de epidemiologia, vigilância epidemiológica na secretaria de saúde. Ela foi e ficou 02 anos, ficou 04 anos, e depois eu acho que ela dobrou os 04 anos. Ela fazia bem o negócio, mas eu sei que ela está. Recentemente eu soube que ela tava, pela Medicina Preventiva mesmo.

TF: Ela foi diretora da Faculdade de Medicina agora. [vozes sobrepostas]

IL: Medicina.

TF: Acabou de sair.

IL: É, é [...] Então, ela, nesse caso, a vigilância epidemiológica, é [...] é interessante. Mas não se fazia antes. Antes não se fazia.

TF: Eu acho que por mim, está ótimo.

IL: Então é [...]

TF: Você quer falar mais alguma coisa?

IL: Eu acho que só, é eu não sei como está o departamento agora, como está o *band*, se está equilibrado, se ele não está equilibrado. Se as pessoas que eram assim, pessoas chaves, que [...] Como Jairnilson [Paim], Jairnilson [Paim] não sai, porque Jairnilson [Paim] é política de saúde.

TF: Jairnilson [Paim] está no ISC.

IL: No ISC, é. Jairnilson [Paim] é uma pessoa do bem. É uma pessoa que sabe. Você sabe que ele sabe. Você conversa com ele, você lê uma coisa que Jairnilson [Paim] fez, você sabe que ele sabe. Carmen [Teixeira] é mais ou menos. Então ela se alvoroça naquela política de saúde dela, e etc. e tal, da administração. Fala bem, fala mal. E, e etc. E agora, tem Estela Aquino. Que faz, que está com [...] que está com ela faz saúde da mulher.

TF: É.

IL: No [?] ela faz saúde da mulher, deixou um pouco isso, não sei se ela voltou a pegar com força.

TF: Ela está no ELSA [Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto], né?

IL: É no ELSA, por causa do ELSA. Então quem era ser do Elza era eu, quem ia ser a chefe do Elza aqui era eu. Eu fui para São Paulo, fui para reunião no hospital da USP, com Paulo [?] era o diretor do hospital na época. Eu fui, foi aquela gente toda para lá. Olha, aí que eu tava para ser a representante da Bahia, a responsável pela pesquisa aqui. Eu... Eu me senti... Eu senti nojo. A briga que teve aquele dia, parecia... Eu posso falar assim, em corriqueiro? Em linguajar comum? Urubu na carniça. Sabe o que Urubu na carniça?

TF: Sei [...]

IL: Sabe o que Urubu na carniça? Parecia Urubu na carniça. Todo mundo queria o negócio, porque a primeira coisa que esse menino, Reinaldo Guimarães chegou lá é botou no quadro foi: de saída: 43 milhões. Botou lá. Quem que tinha visto 43 milhões para pesquisa? Ninguém.

TF: Era uma pesquisa enorme?

IL: É, uma pesquisa enorme. Então eu vim para ser, depois eu disse: Eu não quero não [...] Eu não vou brigar com essa gente toda, de todo o Brasil que está aí, dos 07 estados que vão participar, eu não quero não. Eu não quero, porque o que eles querem não é justo. Eu não vou brigar, para dizer para eles que isso não é justo. Então: se fulano, entrou para fazer nutrição, deram para eles duas folhas de papel para fazer um questionário de nutrição só. Lembre que tem muita coisa que está espalhado que é idade sexo, não sei o que, escolaridade, não sei o que, não sei o quê. Está tudo espalhado aí

dentro, todo mundo vai ter. Quando a menina que ia ficar com nutrição apresentou, ela disse ah, não. Perguntaram quantas horas você precisa para fazer um inquérito, um desse que está aqui assim? Ela fez [...] Umas 03 horas. Umas 03 horas a gente fazer esse inquérito todo, você só tomando 03 horas. Não, a gente calcula que é em torno de meia hora. Quem tava comandando, em meia hora. Ah, não. Em meia hora não. Eu sei que aí [...] Tem que botar mulher tem que botar mulher. O negócio não era, é doenças cardiovasculares na população? Daqui, em torno do hospital da USP, levando um pouquinho para cada estado, cada estado não. Cada dos 06 estados que tinham nota A no CNPq.

IL: No CNPq não, na CAPES. Então aí [...] Maurício Barreto me sai logo, dizendo, então vai ter que ter musa também no meio, a minha mulher vai ter que entrar nessa pesquisa, porque ela trabalha com mulher é um grupo especial. Aí [...] Eu digo: Pronto. Até Maurício [...] Vai brigar por causa disso. E eu, eu fiquei no Departamento de Medicina Preventiva, eu me aposentei cedo. Eu vou me aposentar [...]

TF: Você ficou no ISC?

IL: Não, me aposentei no ISC, é. Foi.

TF: É. E porque que você se aposentou?

IL: Eu me aposentei pelo seguinte: quando Collor entrou no governo, entre as coisas que Collor viu, disse que ia cortar, ele disse que ia cortar, o que ele disse que ia cortar [...] Mulher se aposentava com 30 anos. Mulher se aposentava com 25 anos, porque era professor. Professor se aposentava, mulher, se aposentava com 25 anos de trabalho. E homem com 30. Professor. Professor de universidade, professor de tudo que é lado. Aí, chegou [Fernando] Collor, e disse lá nas coisas dele, que ia acabar com essa história de diferença porque é professor, que não é professor. E vai cortar, e agora vai ter que ser 35 anos mulher também. [vozes sobreposta]

TF: 35 anos de serviço, né? [risos] Não de idade. 35 anos de serviço.

IL: 35 anos de serviço. Ô, eu disse de idade, foi?

ER: Não, não, não.

IL: 35 anos de serviço. Aí eu cheguei e disse: nossa [...] Meu marido também era da universidade. Aí eu disse: Lessa? 35 anos de serviço? É tempo prá caramba. Aí eu cheguei e disse assim: Eu vou me aposentar. Aí ele disse assim: Você pode? Eu digo: não. Não tenho tempo ainda que dê 25 anos. Aí ele chegou e disse: é! Você que sabe, hein? O que você vai fazer? Eu disse, não: eu me aposento, mas eu fico sem precisar ganhar mais nada. Não precisa dobrar meu salário, porque [...] Aí, quando eu fiz, quando eu pude me aposentar com 25 anos, é [...] Bradaram, aí bradaram na Universidade que ia fechar já, dentro de 01 ano, a possibilidade de aposentar com 25 anos, mulher com 25 anos e homem com 30. Aí eu cheguei e disse assim: Contei o meu tempo de serviço eu tinha [...] Eu tinha 25 anos de serviço. Eu tinha 24 anos e meio de serviço. Eu digo: Daqui prá lá faz mais meio ano e [...] Aí eu me aposentei.

TF: Mas ficou como colaboradora?

IL: Fiquei direto. Não sai, nunca saí.

TF: Até agora você está vinculada, não?

IL: Não, agora não estou mais. Desde 2009 que eu saí. Eu fiz a última coleta de dados que foi na população negra. Tenho aí, 2318 casos.

TF: Mas você saiu por idade?

IL: Não. Saí porque os 35 anos [vozes sobrepostas]

TF: Não, eu sei. Mas aí você ficou como colaboradora [...]

IL: Eu fiquei como colaboradora, para sair no dia que eu quisesse. Eu não era mais ligada

IL: Ao departamento, ao Instituto de Saúde Coletiva.

TF: Sim, sim, sim.

IL: Eu era, porque eu queria continuar fazendo pesquisa. E porque todo mundo gostava que eu fizesse pesquisa, você sabe por quê? Porque eu tinha produção científica. A produção científica que é quando você bota CAPES ali, que é para você fazer relatório para CAPES e para o CNPq.

IL: Você tem que botar a produção do instituto.

TF: Do instituto.

IL: Então eu fazia, digamos assim, eu publicava 04 a 06 trabalhos por ano. Tinha gente que em 10 anos não publicava 01. Então, eu estar no departamento, no Instituto de Saúde Coletiva, eu ajudava a manter, o nível [...]

TF: O quórum.

IL: A letra dele lá, “azinho”, “azinho”, “bezinho”, “azinho”. Eu ajudava porque botar 06 trabalhos em cima daquilo que eles tinham era bom. Então eu fiquei ali, fiquei, fiquei. Tinha uma sala para mim. Horrível, mas tinha. Não posso dizer que não tinha. É, dentro da minha sala tinha o negócio de controle [...] Do coisa de informática do instituto inteiro. E não podia fechar a porta trancar, porque podia acontecer alguma coisa de noite a porta tinha que está aberta. Aí, eu fiquei trabalhei, fiz algumas pesquisas ainda. É [...] Depois que eu. Eu passei 10 anos, fazendo pesquisa sem ganhar mais nada. Ganhava, pedia ao CNPq. CNPq dava, a última pesquisa que eu pedi ao CNPq que eu desisti, foi porque me rebaixaram, me rebaixaram porque? Você faz ideia?

TF: Não.

IL: Pois eu vou lhe dizer: eu era, nível A. Porque eu saí do nível C, quando eu entrei, sem saber nada. Aprendendo pesquisa por conta própria. Estatística por conta própria, depois é que eu [...] Aí, eu entrei lá no nível C. E ainda tinha assim: C1, C2 e C3. Eu era C3, aí eu passei, dei minha produção, aí pro outra coisa eu passei e [...] E eu fui prá C1. Aí eu fiz o doutorado, fiz a tese, defendia a tese. Quando eu defendia tese, Alfredo Marcílio, aquele que eu disse a você que era do CNPq.

IL: E que era aqui da Bahia, já morreu. Alfredo Marcílio tinha poder lá dentro, eu não sei de onde ele arranjou o poder, mas ele tinha poder. Ele chegou, ligou para mim e disse: Ines? Eu disse: oi Marcílio tudo bem? Olha, eu vou fazer uma coisa aqui no CNPq, você está no nível 3, você está no nível 3.1. E você ia passar agora para o nível, ia pular, pulava 02 casas. Eu passava para 2B, eu ia passar para 2B. Eu disse é [...] Eu vou passar prá 2B. Porque eu apresentei a tese de doutorado e tudo. Ele fez assim: Eu vou lhe repassar pra 03. Pro nível 03, ô, por nível A. Do [...] Era A, B, C. Era só A, B, C.

TF: A, B, C.

IL: Não tinha D não. Agora tem. Aí ele pegou e disse assim: Eu vou lhe passar para o nível A. Porque você [...] O seu [...] você tem um trabalho contínuo que a gente vê, você tem continuidade nas coisas, você não para um ano, dois anos de trabalhar para depois dá alguma coisa. Então você tem outros, outros, méritos aqui [...]

IL: No seu currículo, que eu posso botar você no nível [...] Aí eu: “Ôba! Vou pro nível A.” Aí ele me botou no nível A3. E aí eu, passei para A2, passei para A1, e passei no ano que eu passei para... O CNPq pegou e botou as pessoas que estavam no nível mais alto do CNPq, não precisavam mais com se preocupar com fazer a pesquisa e sim e, ajudar a pesquisa. Aí [...] Ajudar de que jeito? Recebendo, como eu recebi um papel escrito, que eu seria responsável daqui em diante por 05 [...] 08, por 08 pesquisadores que entraram como iniciação científica, ou como [...] ou como [...] Já tivessem em qualquer nível, mas abaixo de mim. Que eu ia ficar responsável por acompanhar eles 05 anos, as pesquisas que eles iam sair agora [...] Que eu acompanhasse 05 anos.

TF: Sei, sei [...]

IL: Que eu acompanhasse 05 Aí eu disse assim: Eu? Eles tinham feito o seguinte. Comigo: Na reclassificação.

TF: Reclassificação.

LI: Eles me tiraram da letra B, da letra A, eu tava na A, na mais alta.

TF: Tá.

IL: E eu tinha direito a isso. Eu estava na letra A, e eles me tiraram da letra A, e botaram para letra B, B2. De onde eu saí a primeira vez, para cá.

IL: Aí eu fiquei, eu fiquei invocada, e disse todo mundo do departamento, e disse, Ines você foi rebaixada. Eu disse é, eu to sabendo. Ah não, nós vamos entrar no CNPq, vamos pedir, isso não pode. Ai eu cheguei e disse: pô eu [...] Aí, foi perguntar no CNPq, eu perguntei o CNPq, eles perguntaram, devem ter recebido a mesma resposta: ela nunca fez um curso no exterior. [...] Eu disse: Ah canalhas [...] eu economizo para o Estado e eles me botam para fora, assim desse jeito. Porque me botou para fora, eu [...]

TF: Ah?

IL: Termine aquele ano, e no ano seguinte, eu não apresentei mais o, não apresentei mais pesquisa, nem apresentei o [...]

TF: Relatório

IL: Relatório nem nada. E, tinham, tinham uns caras do CNPq que era muito conhecido ali dentro do CNPq sem saber, num sabia. Aí tinha um cara que ligava para mim quase todo dia. Professora? A senhora na entregou seu [...] era Julho. A senhora não entregou seu projeto? Vai, o projeto vai até agosto, 07 de agosto, eu acho. A senhora tem que estar aqui até agosto para poder ser, ser [...] É [...] Entrar na seleção de novembro. Eu disse, é [...] Eu sei, eu sei. Eu estou, eu estou, está em julho em devia estar entregando, né? Ele disse é. A senhora manda. Viu? Pelo amor de Deus, não vá esquecer não. Eu digo está certo, eu não vou esquecer não. Daí a uma semana, ele: professora! Cadê o seu negócio? O tempo está passando. Eu disse: deixa passar. Aí, quando foi no dia, ele disse: professora, pelo amor de Deus, é hoje o último dia! Não tem, o CNPq não dá colher de chá a ninguém de abrir. Eu disse: ah é? Olha, eu vou dizer ao senhor, porque eu fui, reclassificada, saí do topo e descii o degrau. Eu vou lhe dizer porquê: número 01, a pessoa que me que subiu para o meu lugar é uma petista. Eu não sou petista. Eu disse para ele, eu não sou petista. Ahhh, a segunda coisa: essa pessoa estava no último nível de pesquisa, parece que ela tinha, tinha pedido. E nunca foi dado a ela. Ela agora subiu para o meu lugar. Ela está no nível A, e eu descii para 2B. Essa pessoa está no grupo dos esquerdistas do CNPq, que a máquina foi mexida. E eu, fui para trás, então, por isso que eu saí. Aí essa pessoa disse para mim: professora olha, eu vou dizer uma coisa a senhora. No dia em que a senhora foi rebaixada, disseram assim: ela nunca fez um curso fora, fulana de tal, está tentando entrar e nunca consegue, a gente bota ela para baixo, para [...] Eu disse é, eu não sabia tão, esses detalhes todos, mas eu sabia que a petista entrou no meu lugar e que por isso eu fui rebaixada. Então eu não estou apresentando o trabalho, para coisa, não é porque eu não quero não, é porque... Não é por que [...] por falta de vontade minha. Vontade eu tenho de continuar como pesquisadora, agora: no 2B nunca mais. Deixa ela lá, petista ficar no meu lugar. A petista era do Rio de Janeiro. [risos]

TF: Bem, eu acho que está legal. Não está bom? Você quer falar mais alguma coisa?

IL: Eu não, eu acho que eu disse tanta coisa e que você, tanta coisa que serve, e que não serve.

TF: Não, tudo serve. Na memória das pessoas tudo serve.

IL: Até [...] Até [...] Não, não serve, porque eu sei que não serve. Mas sabe o que foi que você deu?

TF: Hum?

IL: Teve um desabafo também.

TF: Que bom. Que você achou desse trabalho?

IL: Achei muito interessante.